



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

A IMPORTÂNCIA DO FORTALECIMENTO DOS PROCESSOS DE RESILIÊNCIA EM ADOLESCENTES NO ÂMBITO ESCOLAR: O QUE PENSAM OS ALUNOS E AS EQUIPES PROFISSIONAIS

MARIA APARECIDA ALVES DA SILVA

ANA LÚCIA LEAL

EIXO: 12. PSICOLOGIA, APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO: ASPECTOS PSICOPEDAGÓGICOS E PSICOSSOCIAIS

Resumo Este trabalho objetivou pesquisar o **papel da escola no favorecimento do processo de resiliência em adolescentes**. Os objetivos específicos foram: Investigar a percepção dos profissionais que trabalham nas escolas analisadas, em relação a como este ambiente pode fortalecer a resiliência dos alunos; **Conhecer a percepção dos adolescentes sobre o ambiente escolar e relações interpessoais em seu interior, entre outros**. Aplicamos um questionário em cada público, totalizando 381 pessoas (alunos, professores e profissionais da área pedagógica). Dentre vários achados, as três esferas pesquisadas consideraram ser necessário posturas mais humanas para o fortalecimento da relação interpessoal, pois instigaria a formação de laços afetivos e de princípios morais, tais como: a confiança, a ética e o respeito, sem descartar o compromisso com o aparato técnico. **Palavras-chave:** Resiliência; Formação Humana; Educação **Abstract** This study aimed to investigate the role of schools in fostering resilience process in adolescents. The specific objectives were to investigate the perception of professionals working in the analyzed schools, in relation to how this environment can strengthen the resilience of students; Knowing the perception of adolescents on the school environment and interpersonal relations within, among others. We applied a questionnaire in each public, totaling 381 people (students, teachers and professionals of the pedagogical area). Among several findings, the three spheres surveyed considered it necessary to more human postures to strengthen the interpersonal relationship

because instigate the formation of emotional bonds and moral principles, such as trust, ethics and respect, without discarding the commitment to technical apparatus. **Keywords:** Resilience; Human formation; Education

Introdução O presente trabalho resultou de nossa pesquisa PIBIC/UFPE/CNPq, concluída no ano de 2015 e teve como problemática e questão norteadora investigar “O papel das escolas e dos profissionais que nela trabalham no favorecimento da construção de processos de resiliência de adolescentes, sob o ponto de vista dos alunos e dos profissionais”. Para Poletti e Dobbs (2007) há mais de quarenta anos a Psicologia tem se interrogado sobre o fato de que certas pes-soas têm a capacidade de superar as piores situações, enquanto outras ficam aprisionadas na infelicidade e na angústia, presos nas teias da tristeza que se abatem sobre elas. A capacidade das pessoas manterem-se íntegras e conseguirem superar as adversidades do caminho se chama resiliência (ANTUNES, 2007; COSTA, 1995; CYRULNIK, 2004; POLETTI, DOBBS, 2007; TISSERON, 2007). Segundo Yunes (2003), a força da resiliência depende muito mais do ambiente social: o senso de pertença e a valorização das relações interpessoais ajudam a atribuir sentido menos grave à adversidade; o encorajamento facilita um olhar mais positivo; e, transcendência, do que o agir isolado de um indivíduo. Antunes (2007), Assis, Pesce e Avanci (2006), Barbosa (2006), Tavares (2001), entre outros, consideram que a escola é um dos espaços promotores de resiliência mais potentes que a sociedade pode implementar, pois agrupa distintos sistemas humanos e articula o professor ao aluno, dentro de uma perspectiva de desenvolvimento humano e de proteção. A partir de um ensaio teórico, Fajardo, Minayo e Moreira (2010) afirmam que a resiliência pode ser consolidada na ação docente, e que o ambiente resiliente da ação pedagógica cresce quando existe um suporte afetivo e emocional necessário para que as pessoas trabalhem em constante clima de aprendizagem. Neste sentido, é fundamental que a escola invista todos os seus recursos para conseguir uma comunidade educativa inclusiva e resiliente. Para fortalecer a resiliência do aluno, segundo Henderson e Milstein (2005), há seis passos a seguir: (1) enriquecer vínculos; (2) determinar limites claros e fortes; (3) ensinar habilidades para a vida; (4) proporcionar afeto e apoio; (5) estabelecer e transmitir expectativas elevadas e (6) proporcionar oportunidades de participação significativa. Sudbrack e Dalbosco (2005) destacam vários fatores de risco presentes na escola, tais como: falta de negociação de normas e regras, relações interpessoais desrespeitosas relação ao desempenho dos alunos, atividades acadêmicas pouco criativas, presença de estigma (rótulo) em relação a certos alunos, relação professor aluno carente de afetividade, baixo nível de confiança no ambiente escolar e pouco incentivo ao altruísmo, cooperação e solidariedade. Compreender os fatores que mais intensificam o impacto das situações de risco permite que as ações educativas revistam-se de posturas e atitudes protetivas, que minimizam o impacto do risco sobre as vidas dos alunos,

possibilitando o desenvolvimento de suas potencialidades. Boa parte dos problemas na escola poderia ser sanado se o ambiente mudasse para melhor (CYRULNIK, 2004), pois a resiliência tem tudo a ver com presenças de pessoas significativas, solidárias, com interações de seres humanos verdadeiramente humanos que formam comunidades saudáveis e acolhedoras (YUNES, 2003). A adolescência é marcada por uma reorganização emocional, mas a concepção estressante dessa fase parece diminuir na medida em que há o reconhecimento de que esse momento da vida é rico em experiências variadas, alegrias e satisfações. No contexto escolar, percebe-se que o adolescente tem condições para realizar uma avaliação sobre si mesmo e sobre o mundo que está inserido, conseguindo refletir, analisar e tirar suas próprias conclusões. Para Vargas (2009), o processo de educação e motivação dos adolescentes se liga diretamente à confiança atribuída ao mestre. Estudar as relações entre adolescência, educação e o conceito de resiliência, portanto, mostra-se atual e pertinente.

Metodologia

Primeiramente realizamos um levantamento bibliográfico a respeito da temática central da pesquisa, sendo ela resiliência, depois adentramos para sua relação com a educação. Posteriormente nos aproximamos das Instituições (levando-se em conta a nossa facilidade de acesso), a fim de se obter escolas parceiras que pudessem viabilizar a realização do Projeto. Após selecionarmos duas escolas (chamadas de X e Y) colocamos para os seus diretores o objetivo do Projeto, as etapas que seriam realizadas, ressaltando a sua contribuição para uma formação mais humana dos profissionais envolvidos, sobretudo, dos seus professores. Ressaltamos que tanto as escolas, quanto os profissionais e alunos participantes não terão jamais as suas identidades reveladas. Na etapa seguinte aplicamos um questionário em todos os participantes (aluno, docente e a equipe pedagógica) com o objetivo de identificar as possíveis contribuições da escola para o fortalecimento da resiliência dos alunos e como são vivenciadas as relações interpessoais em seu interior. Para Barbosa (2006), ainda não se dispõe de uma tecnologia mecânica ou computadorizada que meça a resiliência. Tem-se recorrido a instrumentos vinculados à capacidade cognitiva e os questionários estão dentre esses recursos que viabilizam sua mensuração. Utilizamos três questionários da seguinte forma: um destinado aos docentes com 12 sentenças, um aos alunos e o outro à equipe pedagógica, cada um com 10 sentenças, baseados em vários estudos (POLK, 1997; JOB, 2003; BARBOSA, 2006; ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006). O material obtido foi explorado minuciosa e qualitativamente em uma etapa posterior. O quantitativo nas duas escolas foi de 857 alunos, porém, houve a adesão de apenas 346 alunos. No Ensino Fundamental aplicamos os questionários em todas as turmas a partir do 7º ano, todas do 8º ano e na única turma do 9º ano. A escolha destas turmas se deveu ao fato de considerarmos serem as

turmas mais maduras do ensino fundamental 2 e, através de suas respostas, poderem contribuir mais efetivamente com a temática desta pesquisa. Já no Ensino Médio, aplicamos o questionário nas turmas dos três anos, tendo sido, especificamente, aplicado nas primeiras e últimas de cada ano, num total de seis turmas. A escolha deste público-alvo, apesar de não compor nosso objeto de estudo, poderá, através da análise desses dados, favorecer a elaboração de um futuro artigo científico. Embora o quantitativo de professores em ambas as escolas seja 56, participaram apenas 25, sendo 10 do Ensino Fundamental e 15 do Médio. Eles aludiram não estar disponíveis para participar da pesquisa devido à sobrecarga de atividades para serem executadas, tais como: estarem vivenciando o fim de bimestre, necessitando preencher cadernetas e elaborando de provas. **Resultados e discussão** A seguir, apresentaremos os principais resultados obtidos em relação aos nossos objetivos específicos. Ressaltamos, contudo, que por uma questão didática, a análise comparativa dos dados (3º objetivo específico) será realizada ao longo da apresentação dos resultados. Iniciaremos pela apresentação dos dados e discussão do nosso 1º objetivo específico.

4.1 1º Objetivo Específico: “Investigar a percepção dos profissionais que trabalham nas escolas analisadas em relação a como o ambiente escolar pode fortalecer a resiliência dos alunos adolescentes”

4.1.1 No que diz respeito às respostas fornecidas pelo(a)s Professore(a)s Obtivemos um público de 25 professores, dos quais 60% pertenciam ao Ensino Médio (sendo 44% feminino e 16% masculino) e 40% ao Ensino Fundamental (ambos os sexos com 20%). No que diz respeito à: **“você considera que os professores estão preparados para lidar com as diferenças nas salas de aula?”**

” 60% dos professores (sendo 44% do médio e 16% do fundamental) consideraram que “provavelmente” ou “sim”, e 40% afirmaram que “nunca” ou “dificilmente” (24% do fundamental e 16% do médio). Sobre a pergunta: **“é possível acompanhar a vida dos alunos?”**

” 72% (40% do médio e 32% do fundamental) disseram que “dificilmente” ou “não”, onde 28% (sendo 20% do médio e 8% do fundamental) afirmaram que é possível “provavelmente” ou “sim” o trajeto dos alunos. Em relação à: **“você considera a opinião dos alunos relevantes para o aprimoramento de suas aulas?”**

” 96% (sendo 60% do médio e 36% do fundamental) afirmaram que “provavelmente” ou “sim”. Infelizmente 4% (do fundamental) dos professores declararam que a opinião dos alunos “não” era relevante para o aperfeiçoamento de suas aulas. Em nosso ponto de vista, o retorno do aluno é

fundamental para o melhoramento das aulas, certamente otimizando a relação professor-aluno. Sobre **“quando o aluno está passando alguma dificuldade, pode contar com os professores e equipe escolar?”**

”, 68% dos professores (48% do ensino médio e 20% do fundamental) afirmaram que ele pode contar “quase sempre” ou “sempre” com o auxílio destes profissionais, 20% (16% do fundamental e 4% do médio) disseram que isto acontece “nunca” ou “algumas vezes” e 12% não informaram. Em relação à: **“em caso de discussões ou brigas entre alunos, você acha que eles se sentem seguros neste ambiente escolar?”**

” 68% dos professores (sendo 44% do médio e 24 do fundamental) acreditaram que essa segurança ocorra “quase sempre” ou “sempre”, enquanto 32% (com 16% cada nível) consideraram essa ocorrência “nunca” ou “algumas vezes”. Por último, em relação à análise dos professores, **“em sua opinião, os professores podem alterar/interferir no grau de resiliência de seus alunos?”**

” 68% dos professores acreditam que isto possa acontecer “quase sempre” ou “sempre” (sendo 36% do médio e 32% do fundamental), 16% dos professores afirmaram que “algumas vezes” isto ocorre (sendo 12% do médio e 4% do fundamental), 16% não informaram, não havendo nenhuma referência à resposta “nunca”. 4.1.2 No que diz respeito às respostas fornecidas pela Equipe Escolar A Equipe Escolar foi composta pela equipe propriamente pedagógica e pela equipe interdisciplinar. Destes profissionais, por motivos superiores, não participaram desta pesquisa, na escola do nível fundamental 2, o Gestor, a Psicóloga e uma supervisora. Já na escola do Nível Médio, não participaram, a nutricionista, a Gestora administrativa, os coordenadores da Biblioteca e do laboratório (da escola do Ensino Médio). Podemos informar que obtivemos um público participante de dez profissionais, com 80% dos participantes sendo do sexo feminino (40% de cada nível de ensino) e os outros 20% do sexo masculino (todos do ensino fundamental). Em relação à segunda pergunta: **“de que forma você pode incentivar o aluno a superar possíveis dificuldades pedagógicas/ psicossociais?”**

” os professores do **Ensino Fundamental** deram respostas voltadas ao atendimento psicológico, tais como: “encaminhando para o atendimento psicológico e após o diagnóstico, comunicando os professores para agir nas dificuldades”, “disponibilizando nosso gabinete de psicologia para o atendimento especializado”. Além disso, referiram: “identificando suas dificuldades e buscando agir diretamente nelas”, “exemplificando”, “buscando fazer com que ele compreenda a função do ensino-aprendizagem e a aplicabilidade no cotidiano”, “criando estratégias de reforço escolar”, “incentivando-o a acreditar que ele é um vencedor”. Em relação às respostas apresentadas pelos professores do **Ensino Médio**, também estiveram voltadas ao atendimento psicológico: “conversa particular e em seguida atendimento psicológico”. Além disso: “diagnóstico coletivo, para elaboração do PPP e do Plano de Ação, que deverão prever as formas de incentivos”, “aulas de

reforço”, “através da didática cooperativa, com projetos de intervenção e interdisciplinares” e “projetos direcionados à aprendizagem”. No que diz respeito a: **“você considera a opinião dos alunos relevante para o aprimoramento da organização da escola?”**

” 80% dos profissionais afirmaram considerar relevante “sim”, a opinião dos alunos (sendo 40% pertencentes a cada nível de ensino), enquanto 10% do ensino fundamental apontou “não” ser relevante. 10% não responderam, sendo a equipe escolar toda pertencente ao nível fundamental. Pelo exposto, acreditamos que estes profissionais prezam/acreditam na importância de uma gestão participativa. Sobre **“quando o aluno está passando por alguma dificuldade, ele pode contar com a equipe escolar?”**

” A grande maioria dos profissionais, 80%, afirmou que “sempre” podem contar com eles (com 40% de cada nível de escolaridade), 10% consideraram “algumas vezes” e, por fim, 10% não informaram. Não houve nenhuma referência às respostas “nunca”, nem ao “quase sempre”. Em relação à **“em caso de discussões ou brigas entre alunos, você acha que eles se sentem seguros neste ambiente escolar?”**

” mais uma vez encontramos uma visão otimista, pois 90% dos profissionais que compõem a equipe escolar (com 50% do fundamental e 40% do médio) afirmaram que os alunos “quase sempre” ou “sempre” se sentem seguros, enquanto apenas 10% (todos do nível fundamental) consideraram que isto ocorre apenas “algumas vezes”. Na questão: **“o exercício de sua função pode interferir (fortalecendo ou enfraquecendo) o grau de resiliência dos alunos?”**

” 70% dos profissionais (40% do fundamental e 30% médio) consideraram que seu trabalho “quase sempre” ou “sempre” influencia este processo. 30% (sendo 20% do fundamental e 10% do médio) consideraram que isso ocorre apenas “algumas vezes”. Pareceu-nos, portanto, que ambas as equipes escolares estão cientes da importância de suas funções no processo de fortalecimento/enfraquecimento da resiliência dos alunos. Sobre: **“você acredita que o currículo tem alguma relevância para a construção de uma escola resiliente?”**

” 80% dos profissionais (com 40% de cada nível) informaram que eles “quase sempre” ou “sempre” influencia no processo construtivo de uma escola, seguido 10% do fundamental que considera que “nunca” isso acontece. Apenas 10% não informaram. Por fim, quando questionamos: **“você já solicitou (ou solicita) à família a colaboração no processo de fortalecimento de resiliência de seus filhos/alunos?”**

” 70% (com 40% do médio e 30% do fundamental) referiram “quase sempre” ou “sempre” solicitar. 20% dos profissionais (apenas do nível fundamental) solicitaram “algumas vezes” essa participação. 10% “não informaram”.

4.2 2º Objetivo Específico: “Conhecer a percepção dos adolescentes sobre o ambiente

escolar e relações interpessoais em seu interior”.

Como já exposto, participaram desta pesquisa 346 alunos. Destes, 174 são do ensino fundamental e 172 do médio. Em relação ao sexo, um pouco mais da metade, 55,2%, era do sexo feminino e 43,35% eram do sexo masculino. 1,45% não responderam. Em relação à: **“você se sente bem no ambiente escolar?”**

”, a maioria, 61,27% considerou sentir-se bem “quase sempre” ou “sempre” (sendo 23,99% do fundamental e 37,28% do médio), seguido de “algumas vezes” ou “nunca”, 38,73% (sendo 26,31% do fundamental e 12,42% do médio) No que diz respeito à: **“você acha que o professor é importante para o seu desenvolvimento pessoal e escolar?”**

” 95,67% disseram que “provavelmente” ou “sim” (destes 46,82% do ensino fundamental e 48,85% do médio), seguido de “difícilmente” ou “nunca” com 4,04% (sendo 3,17 do fundamental e 0,87% do médio). Por fim, 0,29% não informaram. Sobre **“quando não consegue acompanhar os conteúdos em sala, você procura os professores?”**

”, quase 70% dos alunos (67,92%) afirmaram que só os procuram “algumas vezes” ou até mesmo “nunca” os procuram (destes, 31,8% são do ensino fundamental e 36,12% do médio). 31,79% procuram os professores “quase sempre” ou “sempre” (onde 18,5% são do fundamental e 13,29% do médio). 0,29% não informaram. Infelizmente não temos dados suficientes para afirmar o motivo desta baixa procura. Eles podem ser vários, tais como: falta de disponibilidade destes profissionais ou até mesmo desinteresse por parte dos alunos. No que diz respeito à: **“como deveria ser um bom professor?”**

”, obtivemos 270 respostas dos alunos do **Ensino Fundamental**. Destas, um pouco mais da maioria, 58,52% considerou aspectos mais humanos, tais como: “educado”, “inteligente”, “humilde”, “bondoso”, “conselheiro”, “prestativo/atencioso”, “sincero”, “compreensivo”, “amigo”, “paciente/calmo”, “carinhoso”, “bem humorado”, “carismático”, “dedicado”, “conciliador”, “flexível”, “ético”, “que tem caráter”, “que trata todos igualmente”, “responsável”. O restante, 41,48% das citações, esteve atrelado à postura profissional, como: “disciplinado”, “que interliga o conteúdo com dinâmicas, sem fugir do conteúdo”, “que leva a aprendizagem sempre a sério” e “que revisa os conteúdos, facilitando a compreensão”. Foram fornecidas 372 respostas pelos alunos do **Ensino Médio**. Assim como ocorreu com os alunos do ensino fundamental, a maioria destas respostas, 59,14%, esteve ligada aos aspectos mais humanos, como: “responsável”, “disponível”, “conselheiro”, “comprometido”, “educado”, “paciente”, “calmo”, “gentil”, “simpático”, “humilde”, “não se coloca como superior”, “atencioso”, “educado”, “respeitador”, “compreensivo”, “divertido”, “legal”, “amigo”, “está sempre ao lado do aluno”, “que auxilia também fora da sala”, “sociável”, “justo e honesto”, “imparcial”. E 40,86% das respostas estiveram mais relacionadas aos aspectos técnicos. Foram elas: “competente”, “que tem o controle da sala de aula”, “organizado”,

“que ensina e questiona seu método com a turma”, “que trás consigo conhecimentos científicos e habilidades”, “pontual”, “que se preocupa com aprendizagem da turma, tirando dúvidas”, “que busca o melhor e desperta o interesse da turma”, “aulas diferentes, dinâmicas e práticas”, “que explica bem”, “que dá mais oportunidade ao aluno”. Sobre a 5ª questão: **“quando você está passando por alguma dificuldade, pode contar com os professores e equipe escolar?”**

”, infelizmente a maioria dos alunos, 68% disse que podem contar apenas “algumas vezes” ou “nunca” (sendo 36,1% do fundamental e 31,8% do médio). 31,2% consideraram poder contar “quase sempre” ou “sempre” (destes, 13,6% foram do fundamental e 17,6% do médio). É válido ressaltar que, conforme apresentamos anteriormente, as respostas fornecidas a esta pergunta, tanto pelos professores, quanto pela equipe escolar, de ambas as escolas, mostraram um resultado diferente do encontrado nas respostas dos alunos. A maioria, tanto dos professores, quanto das equipes escolares, referiu que os alunos podem contar com eles “sempre” ou “quase sempre”, diferentemente do que acabamos de apresentar, em relação à percepção dos alunos. Diante desta divergência, e se pudermos considerar legítima a percepção dos alunos, lamentamos que uma das importantes funções da escola, a saber, prestar assistência aos alunos, não está sendo bem desempenhada. Sem dúvida, as relações interpessoais vivenciadas na escola devem assegurar um espaço protetivo, onde crianças e adolescentes deveriam se sentir seguros e acolhidos. Interrogados sobre: **“você confia na maioria dos professores?”**

” um pouco mais de 50% dos alunos (50,6%) consideraram confiar nos professores apenas “algumas vezes” ou “nunca” (sendo 21,4% alunos do ensino fundamental e 16,8% do médio), e 49,2% afirmaram isso ocorrer “sempre” ou “quase sempre” (26,9% do médio e 22,2% fundamental). Segundo Vargas (2009), o processo de motivação do aluno está diretamente relacionado à confiança atribuída ao mestre. Quando não confiamos em algo ou alguém nos sentimos coagidos de nos relacionarmos. É possível que a baixa crença em poder contar com os professores e equipe escolar esteja justificada pelo baixo índice de confiança na maioria dos professores, mostrado na análise da questão atual. Ao referimos: **“você acha que o atendimento psicológico é necessário em uma escola?”**

” felizmente 83,7% dos alunos afirmaram ser necessário, “sempre” ou “quase sempre” (43,3% do médio e 40,4% do fundamental) e 15,3% consideraram apenas “algumas vezes” ou “nunca” (sendo 9,3% do ensino fundamental e médio com 6,1%). Três alunos não informaram. De acordo com estes dados, felizmente, a grande maioria dos alunos (de ambos os níveis) considera este serviço como necessário à escola. Através da ação do psicólogo, é possível, dentre tantas outras coisas, dirimir conflitos interpessoais, realizar encaminhamentos especializados complementares, quando necessário e auxiliar na escolha vocacional. Sobre: **“em caso de discussões ou brigas entre colegas, você acha que os alunos se sentem seguros neste ambiente escolar?”**

”, lamentavelmente, a grande maioria dos alunos, 70,2% (41% do nível fundamental e 29,2% do

nível médio) afirmou que “nunca” se sentiram seguros ou apenas em “algumas vezes”, enquanto que 28% (sendo 20,2% do médio e 7,8% do fundamental) consideraram que o sentimento de segurança ocorre “quase sempre” ou “sempre”. Apenas seis pessoas não informaram. Segundo os dados dessa questão, a maioria dos alunos de ambas as escolas sentem que a segurança está, de algum modo, comprometida. Neste sentido, a escola cria um ambiente de insegurança e medo, que acaba por comprometer não só o desenvolvimento intelectual e sócio afetivo dos estudantes, como também os pressupostos da educação, como o de aprender a conhecer, a fazer, a viver juntos e a ser. Além disso, precisamos registrar a disparidade das respostas dos professores e da equipe escolar, em relação a dos alunos. No questionário dos professores, como já expomos, a maioria (68%) acredita que essa segurança ocorra “quase sempre” ou “sempre”, enquanto 32% consideraram que isso “nunca” ocorre ou se dá apenas “algumas vezes”. Do mesmo modo, 90% dos profissionais da equipe pedagógica consideraram que a segurança existe “quase sempre” ou “sempre”. Em relação a **“se sentir tratado com carinho e respeito”** 52,9% consideraram que isto ocorria apenas “algumas vezes” ou “nunca” (sendo destes, 28,3% do fundamental e 24,6% do médio). 46% dos alunos (destes 24,8% do médio e 21,1% do fundamental) mencionaram que isto ocorria “quase sempre” ou “sempre”. Ou seja, pouco mais da metade dos alunos afirmaram que nunca ou talvez apenas algumas vezes tenham sido tratados com respeito e isto nos inquieta a ponto de nos perguntarmos se é possível se sentir bem em um determinado ambiente sem que aconteça o ingrediente mínimo/principal, o respeito?

Conclusão

Em virtude do exposto, analisamos **o papel das escolas e dos profissionais no favorecimento dos processos de resiliência de alunos** do Ensino Fundamental 2 e Médio da Rede Pública de ensino, informadas através de seus processos pedagógicos e de suas práticas docentes. Realizamos algumas análises comparativas, quando julgamos pertinente, tais como: entre professor e aluno, aluno e equipe escolar, apenas entre alunos e entre as três esferas. Utilizamos apenas o questionário como recurso para a coleta dos dados. Diante das análises, podemos considerar que todas as esferas consideraram ser necessário posturas mais humanas para o fortalecimento das relações, pois enriquece os laços afetivos e estimula a existência de alguns valores e princípios, tais como: a confiança e o respeito, sem descartar o aparato técnico, para não entrarmos no reducionismo. A escola, enquanto espaço educativo é um dos lugares mais propícios para amadurecer e solidificar a base humana, através do incremento da autoconfiança. **A seguir, apresentaremos os principais resultados obtidos no 1º e 2º objetivos. O 3º objetivo será**

tratado no momento em que estivermos apresentando os dois primeiros. Em relação ao 1º objetivo específico (Investigar a percepção dos profissionais que trabalham nas escolas analisadas, em relação a como o ambiente escolar pode fortalecer a resiliência dos alunos adolescentes), **as respostas dos professores do nível fundamental e médio, de um modo geral, versaram sobre aspectos de ordem mais técnica e humana. Sobre os aspectos mais técnicos houve referências a proporcionar um ambiente escolar mais rico e estimulante; a realizar projetos que envolvessem a área social e a comunidade do entorno, utilizando um currículo** que valorizasse estes aspectos; **a incentivar os jovens a desenvolverem projetos que priorizassem o seu desenvolvimento intelectual e social; a buscar uma melhor organização da grade curricular;** a trabalhar o conhecimento científico e o saber cultural, articulando a valores humanos, a cultura de paz e a questões ambientais; a incentivar na elaboração do projeto pessoal de vida; a criar espaços formais e diversificados de convivência, envolvendo-os como protagonistas de suas ações. Houve, ainda, a preocupação de encaminhar os aluno(a)s, quando necessário, para atendimentos especializados. Além disso, foram mencionados aspectos ligados à formação humana dos alunos, como por exemplo: mostrar a realidade da vida e as possibilidades de melhoras que ela dispõe; destacar a importância de ensinar a respeitar o próximo, contribuindo com uma formação cidadã, destacando as noções de seus direitos e deveres; priorizar uma pedagogia “afetiva”, materializada em elogios e diálogos, ouvindo seus anseios e dificuldades, “acordando-os”. A *equipe pedagógica* de ambas as escolas considerou, de modo geral, que podem contribuir no processo de crescimento do aluno a partir do momento que estimularem o desenvolvimento da criticidade, da autonomia, da cidadania e do respeito pela diversidade. Assim como mencionado pelos professores, os profissionais destacaram a importância de conscientizar os alunos sobre a necessidade da educação para o desenvolvimento social, envolvendo-os em projetos que os possibilitem serem sujeitos de sua própria formação, incentivando-os a acreditar que são vencedores. Assim como os professores, também consideraram o encaminhamento dos alunos para atendimento especializado, sempre que necessário. Em um percentual maior que o dos professores, 80% da equipe pedagógica afirmaram que os alunos “sempre” podem contar com eles e 90% disse que os alunos “quase sempre” ou “sempre”, devem se sentir seguros no espaço acadêmico. Assim como ocorreu com os professores, 70% de ambas as equipes pedagógicas entenderam que podem interferir no grau de resiliência de seus alunos. **Sobre o 2º objetivo específico (Conhecer a percepção dos adolescentes sobre o ambiente escolar e relações interpessoais em seu interior), mais da metade (61,2%) considerou sentir-se bem “sempre” ou “quase sempre” no ambiente escolar, mas só uma parcela muito pequena (31,3%) acreditou poder contar “quase sempre” ou “sempre” com os profissionais da escola!** Esse último resultado é dissonante com os expostos há pouco, aludidos pelos professores e equipe pedagógica. Talvez este resultado se justifique pelo fato de um pouco mais

de 50% dos alunos (50,6%) não conseguem confiar sempre nos professores. E apenas 28% se sentem “sempre” ou “quase sempre” seguros na escola (mais uma dissonância em relação às respostas fornecidas pelos profissionais). Sobre serem tratados com carinho e respeito, menos da metade dos alunos (46%) mencionaram que isto ocorria “quase sempre” ou “sempre”. Para Henderson e Milstein (2005), “proporcionar afeto e apoio” é um dos passos que produz efeito de compromisso com a sociedade, além do reconhecimento positivo por parte dos alunos e familiares em relação aos docentes e equipe escolar. Infelizmente não encontramos em nossa pesquisa, na percepção da maioria dos alunos, um sentimento de confiança, segurança, carinho e de acolhimento por parte dos profissionais que trabalham nas escolas. Apesar de estes terem destacado a importância disto ocorrer, de terem citado várias estratégias para viabilizá-lo e de terem uma visão muito mais otimista, por sinal, de como as relações interpessoais em seus espaços vêm se construindo. Talvez falte disponibilidade sincera para escutar o que nem sempre é dito, para enxergar o que nem sempre aparece e para, humildemente, entender que estamos e estaremos sempre nos metamorfoseando, nos adaptando em prol da melhoria da qualidade de vida da coletividade. No caso em particular, entendemos que o diálogo franco entre os pares se faz essencial, mas isso só poderá ocorrer em um ambiente de confiança. Neste sentido, é possível que haja uma distância razoável entre a teoria e a prática, mas como toda grande caminhada se inicia com um primeiro e decisivo passo, esperamos que estas instituições repensem a cultura da escola como o todo, pois quando trabalhamos em harmonia e pensando na formação humana do SER, o resultado é muito mais consistente e permite suportar e superar as adversidades advindas do meio escolar e da vida como um todo, fortalecendo a resiliência de alunos, que tanto ensinam.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ANTUNES, C. *Resiliência: A construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade*. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. ASSIS, S. G.; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2006. BARBOSA, G. Índices de resiliência: análise em professores do Ensino Fundamental. In: *I Congresso Internacional de Pedagogia Social*, 2006. Disponível em http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100014&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 14 Feb. 2009. BRONFENBRENNER, U. *Bioecologia do desenvolvimento humano:*

Tornando os seres humanos mais humanos. Porto Alegre: Artmed, 2011. COSTA, A. C. G. *Resiliência*. Pedagogia da presença. São Paulo: Modus Faciend, 1995. CYRULNIK, B. *Os patinhos feios*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. FAJARDO, I. N.; MINAYO, M. C. de S.; MOREIRA, C.O.F. *Educação escolar e resiliência: política de educação e a prática docente em meios adversos*. Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ., Rio de Janeiro, v.18, n. 69, p.761-774, out./dez. 2010. GRÜSPUN, H. *Conceitos sobre resiliência*.

Disponível em:

Http: //WWW.cfm.org.br

/revista/bio10v1/seccao4.1.htm

.
Acesso em: 20 de Abril de 2010. HENDERSON, N.; MILSTEIN, M.M. *Cómo fortalecer la resiliencia en las escuelas*. Buenos Aires: Paidós, 2005. POLETTI, R.; DOBBS, B. *A resiliência: A arte de dar a volta por cima*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. SUDBRACK, M. F. O.; DALBOSCO, C. Escola como contexto de proteção: refletindo sobre o papel do educador na prevenção do uso indevido de drogas. Anais do I Simpósio Internacional do Adolescente: maio, 2005. Disponível em http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000082005000200082&script=sci_arttext. Acesso em 10 de outubro de 2008.

proceedings.scielo.br

/scielo.php

?

pid=MSC000000082005000200082&script=sci_arttext. Acesso em 10 de outubro de 2008.

TAVARES, J. *Encorajamento e resiliência dos professores e educadores*. Fortaleza, 2007. Palestra.

Disponível em:

Http://www.

scielo.br

/scielo.php

?

script=sci_arttextEtpid-S1413-73712003000300010.

Acesso em: 20 jul.2008. TISSERON, S. *La résilience*. Que sais-je?

Dépôt legal. Paris: Press Universitaires de France, 2007. VARGAS, C.P. *O desenvolvimento da resiliência pelas adversidades da escola*. Revista Espaço Acadêmico – Mensal – nº 101 – Outubro de 2009. YUNES, M.A.M. *Psicologia Positiva e Resiliência: o foco no indivíduo e na família*. In: PSICOLOGIA EM ESTUDO, Maringá, v.8, nº especial, p. 75-84, 2003.

* Maria Aparecida Alves da Silva (Autora). Graduanda em Licenciatura – Matemática pela

Universidade Federal de Pernambuco/Centro Acadêmico do Agreste (UFPE/CAA); Integrante do Grupo de Pesquisa "Educação e Espiritualidade" (UFPE/CE); Membro da Linha de pesquisa "Psicologia, Espiritualidade e Integralidade na Educação" (UFPE/CE). E-mail: cidalves20@hotmail.com

. ** Ana Lúcia Leal (Coautora). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Professora Adjunta da UFPE/Centro Acadêmico do Agreste – CAA/ Núcleo de Formação Docente – NFD; Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática; Integrante do Grupo de Pesquisa: "Educação e Espiritualidade" (UFPE/CE); Coordenadora da Linha de pesquisa "Psicologia, Espiritualidade e Integralidade na Educação" (UFPE/CE). Orientadora e coautora do presente trabalho. E-mail: analealchaves@yahoo.com

.br

.

Recebido em: 03/08/2016

Aprovado em: 05/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: